



ESFERA PÚBLICA VIRTUAL E REDES SOCIAIS: UM ESTUDO DAS INTERAÇÕES ENTRE USUÁRIOS E A PÁGINA DO PLANALTO NO FACEBOOK

VIRTUAL PUBLIC SPHERE AND SOCIAL NETWORKS: A STUDY OF INTERACTIONS BETWEEN USERS AND THE PLANALTO FACEBOOK PAGE

ESFERA PÚBLICA VIRTUAL Y REDES SOCIALES: UN ESTUDIO DE LAS INTERACCIONES ENTRE USUARIOS Y LA PÁGINA DEL PLANAL EN EL FACEBOOK

Priscila Ramos Reis ¹

Resumo: Este artigo propõe-se a discutir as formas como os usuários do Facebook, utilizam-no em seu cotidiano, analisando como estes se apropriam e ressignificam este espaço, transformando-o num espaço público de discussão de demandas particulares e coletivas, focalizando seus comportamentos e manifestações virtuais em relação ao governo, tendo como base suas interações na página oficial do Palácio do Planalto, além dos mecanismos desenvolvidos para tal. Assim, busca-se analisar a construção e o desenvolvimento deste espaço relativamente novo e em constante modificação e popularização, como mecanismo, no qual, os usuários “ganham voz” e expõem suas opiniões sobre diversos assuntos da esfera social, pensando a rede social como lócus de uma esfera pública virtual que se desenvolve voltada para discutir assuntos da esfera política num momento de tensão gerado pós-impeachment que polarizou as redes sociais virtuais no país.

Palavras-chaves: Sociologia política; Política digital; Facebook; Esfera Pública Virtual; Política.

Abstract: This article proposes to discuss the ways in which Facebook users use it in their daily lives, evaluating how they appropriate and resignify this space, turning it into a public space for discussion of private and collective demands, focusing on their behaviors and its virtual manifestations in the page of the Palace of the Planalto of the federal government, besides the mechanisms developed for such. Thus, the aim is to analyze the construction and development of this space, relatively new and in constant modification and popularization, as a mechanism, in which users "gain a voice" and expose questions and opinions on various social issues, presenting a cut and thinking of the social network as the locus of a virtual public sphere that develops to discuss issues of the political sphere in a moment of post - impeachment generated tension that polarized the virtual social networks in the country.

Keywords: Political sociology. Digital policy. Facebook; Virtual Public Sphere; Policy.

¹ Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Graduação em Ciências Sociais e Mestrado em Sociologia Política. E-mail: priscilaramos-reis@hotmail.com

Resumen: Este artículo se propone discutir las formas en que los usuarios de Facebook lo utilizan en su cotidiano, analizando cómo estos se apropian y resignifican este espacio, transformándolo en un espacio público de discusión de demandas particulares y colectivas, enfocando comportamientos y manifestaciones virtuales en relación al gobierno, teniendo como base sus interacciones en la página oficial del Palacio del Planalto, además de los mecanismos desarrollados para ello. Así, se busca analizar la construcción y el desarrollo de este espacio relativamente nuevo y en constante modificación y popularización, como mecanismo, en el cual, los usuarios "ganan voz" y exponen sus opiniones sobre diversos asuntos de la esfera social, pensando la red social como un locus de una esfera pública virtual que se desarrolla orientada a discutir asuntos de la esfera política en un momento de tensión generado post-impeachment que polarizó las redes sociales virtuales en el país.

Palabras claves: Sociología política. Política digital. Facebook; Esfera Pública Virtual; La política.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as distâncias parecem mais curtas com o advento da internet e o desenvolvimento de novas tecnologias. As informações sobre diversos acontecimentos ao redor do mundo circulam com maior rapidez e o surgimento e aprimoramento de novos meios de comunicação como computadores, *tablets* e *smartphones* cada vez mais avançados, assim como, a criação de redes sociais virtuais, aumentaram o fluxo e o compartilhamento de informações que circulam na internet, alterando sensivelmente na última década a forma como os indivíduos se relacionam.

Nesse sentido, as redes sociais virtuais, tem se tornado um mecanismo cada vez mais popular de trocas de informações. Vale ressaltar, que os brasileiros são grandes usuários das redes sociais virtuais. Em relação ao Facebook², por exemplo, a maior rede social na internet atualmente, com mais de 2,2 bilhão de usuários no mundo, segundo declarações no portal da própria empresa em 2018, cerca de 127 milhões de brasileiros possuíam conta na rede, mais da metade da população do país, sendo o Brasil o 3º país no mundo em número de usuários, atrás de Estados Unidos e Índia. Já em relação ao número de acessos diários, o Brasil se encontra em 2º lugar com cerca de 60 milhões, ou seja, mais de ¼ da população brasileira acessa seu perfil no Facebook diariamente.

Segundo os dados gerais sobre a rede disponibilizados pelo Facebook³, a cada 60 segundos são postados cerca de 500 mil comentários, 290 mil atualizações de status e mais de 130 mil fotos e vídeos. Em se tratando do Brasil, oito em cada dez pessoas que acessam a internet possuem conta no Facebook, cerca de 67% dos usuários da rede social acessam-na diariamente, com um tempo médio de 22 minutos, o que gera uma quantidade surpreendente de informação em rede.

² <https://www.facebook.com/business/news>.

³ <https://www.facebook.com/business/news>.

As análises de informações em rede podem ser utilizadas para orientar desde propagandas publicitárias até pesquisas de popularidade e intenção de votos numa corrida eleitoral, pois analisam as reações, publicações, palavras repetidas, hashtags e demais comportamentos dos usuários, se transformando numa nova maneira de pesquisar e direcionar as propagandas eleitorais.

Mediante todas essas informações e das novas formas de interações estabelecidas entre os indivíduos, resultante das transformações provocadas pelas relações mediadas por dispositivos eletrônicos, a atenção recai sobre os aspectos que essas novas possibilidades de interação apresentam nas relações cotidianas de quem acessa esses mecanismos, especialmente, no que se refere ao uso da rede como lugar de exposição e discussão de problemas públicos e particulares.

Desse modo, a partir da análise da construção do conceito sociológico de rede social, que demonstra como os indivíduos constroem redes de relações e que antecede o advento da internet, assim como, a importante observância referente às relações que os indivíduos constroem em rede de interações, servirão de base para compreender como estas se desenvolvem nas redes sociais virtuais.

Destarte, vivemos um momento político atual bastante delicado que se intensificou a partir do processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff em 2016, processo no qual resultou em polarização política no país, e conseqüentemente que se manifesta e mobiliza as redes sociais, transformando-as num canal de comunicação, cujo, diversos temas do cotidiano são abordados, inclusive, as questões políticas desse momento. Desse modo, empreende-se a utilização das redes sociais digitais como mecanismos de expressão popular no Brasil que tem seu cerne nas manifestações de junho de 2013 – jornadas de junho – quando as redes sociais virtuais começam a servir de ferramenta para a mobilização e difusão de informações entre os usuários que apoiavam o movimento.

Nesse sentido, utiliza-se o conceito de esfera pública desenvolvido por Habermas para então estender a discussão sobre democracia, representação e mecanismos de controle na atualidade, como base para a apresentação da ideia de esfera pública virtual. Assim, procurando oferecer uma análise inicial que possibilite a introdução dessa discussão, este artigo se volta para a apresentação do estabelecimento dessas relações e os desdobramentos que estes acontecimentos acarretam dentro da rede social virtual, observando de que maneira os usuários passam a utilizá-las como mecanismo de exposição, pressão, debate e cobranças das suas insatisfações com o Governo em sua página oficial no Facebook, e os efeitos que essas manifestações acarretam.

2 REDES SOCIAIS: DOS ESTUDOS SOCIOLÓGICOS DAS INTERAÇÕES SOCIAIS ÀS VIRTUAIS

Desde a década de 1960, quando iniciaram os primeiros estudos que deram origem à rede mundial de computadores, ou seja, a internet, vimos surgir e se difundir, mesmo que de forma desigual ao redor do planeta, estas novas tecnologias. Nesse sentido, vivemos hoje, o que alguns teóricos denominam como a sociedade da informação ou sociedade do conhecimento⁴, em referência ao poder de difusão da informação e a capacidade de armazenamento que estas tecnologias proporcionam, transformando a maneira como nos relacionamos e nos comunicamos em sociedade nos últimos anos.

Porém, não se pretende aqui defender um ponto de vista ou apenas os aspectos positivos ou negativos do desenvolvimento tecnológico e das transformações resultantes destas, nem levantar a bandeira das maravilhas da tecnologia, mas promover uma análise que possibilite compreender de que maneira estas são utilizadas em nosso cotidiano.

Desse modo, todas as análises voltadas ao monitoramento de redes virtuais, seja em número de usuários, acessos, compartilhamentos ou qualquer outra maneira de interação dentro da rede, demonstram o crescimento⁵ da utilização deste meio de comunicação por grande parte da sociedade, destacando que as relações sociais têm sido cada vez mais mediadas por essas tecnologias de comunicação na última década.

Entretanto, análise de redes sociais⁶, ou seja, das interações entre os indivíduos em sociedade, não se constitui algo novo nas Ciências Sociais. Na microsociologia, esta foi realizada de forma a compreender como os indivíduos se relacionam em grandes e pequenos grupos, assim como, as dinâmicas e características do comportamento dos indivíduos em sociedade. Porém, quando se trata da análise de redes sociais virtuais ainda encontramos no campo das Ciências Sociais muitos desafios e ao mesmo tempo cada vez mais novos estudos que buscam a compreensão desse fenômeno crescente.

Simmel (2006, p. 59), por exemplo, definiu que a constituição de redes de interação entre os indivíduos se constrói mediante relações estabelecidas em sociedade. Ao analisá-la, o autor demonstra que esta resulta de uma complexa rede de interações – forma e conteúdo - entre os diversos atores sociais, motivados por diversos sentimentos decorrentes de ações e reações cotidianas, construindo o que este identifica como *sociabilidade*, destacando que a sociedade é o resultado das interações entre os indivíduos que este denomina, atores sociais.

⁴Gostaria de destacar que dentro das ciências sociais o termo sociedade da informação ou sociedade do conhecimento é alvo de críticas por diversos autores, como o próprio Castells (2006, p. 70), principalmente por considerar que mesmo que haja uma grande difusão de informações e mais democratização ao acesso a essas informações, ainda há muitos indivíduos excluídos dos benefícios proporcionados por essas tecnologias, assim como, sua utilização por grandes países capitalistas em prol de interesses políticos e econômicos.

⁵ Disponível em: < <http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2017-10/relatorio-aponta-brasil-como-quarto-pais-em-numero-de-usuarios-de-internet>.

⁶ Ver Recuero (2009, p. 21).

Portanto, classificando a sociedade como fruto das interações individuais, do contato e trocas estabelecidas entre os indivíduos, o autor desenvolve o conceito de *sociação* como mecanismo de compreensão dessas relações. Assim, o conteúdo da sociação, é “tudo que existe nos indivíduos”, (SIMMEL, 2006, p. 60). Enquanto, é a forma como esses indivíduos interagem que constitui os mecanismos da sociação.

Nesse sentido, a análise de Simmel (2006, p. 60), busca compreender a intersubjetividade entre os autores, ou seja, a reciprocidade de suas ações. Nas redes sociais virtuais, será esta troca entre os indivíduos, como eles se relacionam, suas motivações, o que os une em grupos, suas reações e os efeitos dessas interações, o objetivo deste trabalho.

Vale dizer, que as análises de Georg Simmel não são as únicas no campo da microsociologia. Outros autores também foram influenciados por sua abordagem. O sociólogo e antropólogo Canadense, Erving Goffman, por exemplo, motivado pelos estudos de Simmel, foi responsável por trazer a sociologia para uma análise mais minuciosa das interações entre os atores sociais.

De acordo com o autor, as interações sociais são comunicações desenvolvidas entre os agentes através de expressões recíprocas, ou seja, a vida em sociedade se desenvolve entorno de trocas de interações e diante disso se definem, na vida em sociedade, os papéis sociais que os indivíduos vão se colocar, mediante as variadas áreas da esfera social.

Em sua obra, *A representação do eu na vida cotidiana*, Goffman demonstra as estratégias que os indivíduos desenvolvem para se apresentarem socialmente e como estes se representam, como numa peça teatral, assumindo personagens e construindo um “eu”. Entretanto, “muitas vezes o indivíduo vai calcular suas ações numa determinada situação e em outras ele pode nem perceber que age calculadamente.” (GOFFMAN, 2002, p. 15).

Desse modo, vale ressaltar, que Goffman (2002, p. 15/17), ao analisar o comportamento humano e as particularidades das suas interações destaca aspectos como as comunicações não verbais, expressões e comportamentos face a face. Nesse sentido, o indivíduo que é o emissor, atua de maneira a controlar uma situação de acordo com interesses particulares com o objetivo de passar uma impressão para aquele que vai ser o alvo da sua interação, o observador/ receptor.

Nesse sentido, segundo Berger & Luckmann (2004, p. 31-34), autores igualmente importantes do campo da Sociologia, a análise das interações construídas no cotidiano nos ajuda a compreender até que ponto os indivíduos de uma determinada sociedade compreendem a realidade social não somente como algo institucionalizado, ou seja, como algo dado, onde estes agiriam de acordo com a realidade objetiva, mas por relações sociais, construídas pelo próprio homem, podendo ser ressignificadas por estes.

Assim, levando-se em consideração que na era digital o conceito de interação social precisa ser ampliado e redefinido para dar conta das novas formas de comunicação

desenvolvidas na contemporaneidade, pois, são nestas relações virtuais que as trocas sociais entre os indivíduos se constroem na internet, este será o ponto de partida.

Vale dizer, que mesmo nas relações face a face estas podem encontrar problemas, pois, podemos não compreender os signos, significados e as reações do outro. Parafraseando Geertz (2008, p. 5), se uma piscadela pode possuir muitos significados, dando margem a outras interpretações, com as redes sociais não é diferente, pois as palavras também podem não ser interpretadas da maneira como quem escreve gostaria e a comunicação dependerá também da interpretação de quem recebe.

Vale dizer, que a escrita imputa o surgimento de vários gêneros de discursos criados para organizar materialmente as necessidades do homem e a interação social apresentada aqui, são as estabelecidas via Facebook, não estando restrita à escrita, mas, aberta a outras formas de linguagem, como símbolos, imagens, vídeos, charges, reações, hashtags, memes e demais recursos disponíveis na rede e realizadas por meio do dispositivo eletrônico.

3 A REDE SOCIAL VIRTUAL COMO POSSÍVEL ESFERA PÚBLICA E MECANISMOS DE CONTROLE?

O conceito de esfera pública é sempre muito debatido quando se trata das instituições e práticas democráticas na atualidade. Em relação as tecnologias da informação e comunicação e o surgimento de uma possível esfera pública virtual, não é diferente.

Em junho de 2013, o país se viu em meio a uma onda de protestos de rua, algo que não ocorria com tamanha proporção desde o impeachment do ex-presidente Fernando Collor. Inicialmente, o protesto se deu contra o aumento das passagens de ônibus na cidade de São Paulo. Nesse contexto, o movimento “passe livre”⁷, movimento social que atua em favor do transporte público sem tarifa, reclamava o aumento da passagem em R\$0,20 centavos.

Desse modo, indo às ruas para protestar contra o aumento do transporte público na cidade, os manifestantes foram reprimidos com violência pela polícia⁸, o que chamou atenção e despertou em parte da população um sentimento de indignação, levando mais pessoas a se juntarem as manifestações que, mesmo com toda a violência, continuou nos dias que se seguiram pelas ruas da capital paulista, ganhando maior proporção e conseqüentemente, mais visibilidade na imprensa nacional.

⁷ O movimento passe livre (MPL), é um movimento social que se denomina autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito, para o conjunto da população e fora da iniciativa privada. Foi fundado em uma plenária no Fórum Social Mundial em 2005, Porto Alegre, e ganhou destaque ao participar da organização, em 2013, dos primeiros protestos em São Paulo por causa do aumento da tarifa de ônibus, que culminaram em protestos por todo país.

Informações disponíveis em: <http://tarifazero.org/mpl/>

⁸ <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/policia-militar-utiliza-violencia-para-reprimir-protesto-em-sao-paulo.html> acesso em 01/02/2018.

Gestores públicos, políticos e até especialistas⁹ não esperavam tamanha adesão da população e a proporção dos protestos, assim como, a quantidade de pessoas que foram as ruas, o que efetivamente surpreendeu a todos. Pôde-se verificar, o que num primeiro momento se dera através do movimento social organizado, acabou ganhando a participação da população.

Entretanto, como essa não foi a primeira vez que a sociedade civil foi às ruas protestar no país, o que se destacou, e torna essa onda de manifestações de junho de 2013 bastante peculiar, principalmente para este trabalho, foi a participação da população pelas redes sociais virtuais. Denominadas como “jornadas de junho”, as manifestações estiveram na pauta das redes por um tempo. Os usuários passaram a usar as redes, principalmente, com as famosas *hashtags*¹⁰, para apoiar as manifestações e chamar mais pessoas para se juntarem as mesmas. Assim, “várias *hashtags* estão vinculadas ao repertório, mas é curioso notar que o uso dessas palavras-chave é feito na maior parte por indivíduos de fora da organização, sem estarem presentes em páginas ou perfis oficiais” (PRUDENCIO, 2014, p. 95).

Nesse sentido, após chamar atenção de diversos pesquisadores, as redes sociais virtuais passaram a serem cada vez mais monitoradas com o intuito de compreender como estas se apresentavam nesse contexto que originou novos comportamentos entre os usuários das redes no Brasil. A *hashtag* #vemprarua, por exemplo, esteve entre as mais postadas durante certo período por usuários do *Twitter* e *Facebook*.

Em pesquisa realizada por Antoun e Falcão (2015) demonstrou que a *hashtag* #vemprarua apresentou cerca de 500 mil *tweets*, demonstrando que o uso desse mecanismo de manifestação teve uma grande adesão que resultou na participação entre os usuários da rede nesse período. Esse tipo de manifestação através das redes sociais virtuais, embora tenha chamado atenção no Brasil, já havia ocorrido em outros países, a partir de 2008, como os protestos no Oriente Médio conhecido por Primavera Árabe, protestos na Espanha, Chile, entre outros. Ademais, ultimamente, temos presenciado o crescimento da utilização desse meio de comunicação para esses fins, com um papel importante tanto na mediação, quanto para a organização das manifestações sociais em várias partes do mundo, pois são utilizadas pelos movimentos sociais para se organizarem e denunciarem abusos das autoridades, como para a publicização de ações e manifestações públicas.

Nesse sentido, segundo Habermas (2011, p. 96), a participação dos indivíduos nas decisões e discussões cotidianas dos assuntos da esfera pública social, passa por um processo que se inicia efetivamente com o surgimento de uma esfera pública burguesa no estado

⁹ Ver NOBRE; marcos. Choque de democracia: Razões da revolta, editora Schwarcz s.a. São Paulo, 2013.

¹⁰ *Hashtag* é uma palavra-chave antecedida pelo símbolo cerquilha (#) muito utilizado nas redes sociais para identificar um tema compartilhado pelos usuários. As *hashtags* são muito comuns no *Twitter*, porém se disseminou para as mais populares redes sociais virtuais da atualidade. Cada *hashtag* criada é transformada em um hiperlink que irá direcionar a pesquisa para todas as pessoas que também postaram a mesma palavra-chave com aquela *hashtag* específica. Sendo possível através de softwares saber quais as *hashtags* mais utilizadas num determinado período de tempo.

moderno, porém que tem seu embrião na sociedade grega, na praça pública, que se desenvolve no seio da polis.

Entretanto, antes de definir conceitualmente esfera pública é preciso definir as diferenças entre o que o autor considera como esfera pública e opinião pública. De acordo com Habermas, “o sujeito dessa esfera pública é o público enquanto portador da opinião pública, a sua função crítica é a que se refere a publicidade” (HABERMAS, 2011, p. 94). Assim, existe diferença entre dar publicidade e tornar algo alvo de debate público.

Desse modo, considera-se a esfera pública um lugar de exposição de problemas comuns, democraticamente constituído por iguais, num contexto político, social e moral. Nesse sentido, Segundo Gomes (2008, p. 74), podemos considerar um público não como uma simples reunião de indivíduos, mas uma reunião de pessoas privadas, isto é, livres, capazes de apresentar posições discursivamente e de transforma-las em argumentos e de confrontar-se com as posições dos outros de forma racionalizada.

Porém, para caracterizar o conceito de esfera pública, Habermas (2011, p. 41-43), começa pela análise histórica do desenvolvimento desta a partir do que este define como “esfera pública burguesa” nascida no fim da idade média na Europa. Segundo o autor, a origem e evolução da esfera pública se dão num contexto de surgimento de ideias liberais, inicialmente negligenciando o processo de desenvolvimento de uma esfera pública plebeia, que se consolida a partir do modelo industrial. Assim, as duas “esferas” burguesa e plebeia, eram diferentes até atingirmos, de fato, uma sociedade industrial.

Destarte, Segundo Arendt (2007, p. 78-83) a concepção da esfera pública demonstrava duas características inerentes; a primeira era a separação entre a vida doméstica, que incluía a economia que era vinculada a mesma, e a subjetividade, pois a vida pública apresentava aspectos da vida privada, já que era no seio da família o qual se originava as questões relacionadas ao público. A segunda característica é a relação estabelecida entre a burguesia e o Estado, ou seja, uma classe que surgia e exigia do Estado a publicidade dos seus atos e a prestação a sociedade civil de suas decisões. Nesse sentido, “como resultado da reivindicação por parte da burguesia da prestação pública de contas, emergiu uma esfera constituída por indivíduos que buscam submeter decisões da autoridade estatal à crítica racional” (AVRITZER E COSTA, 2004, p. 707).

Entretanto, em suas formulações, Habermas (2011, p. 57), parte da concepção de uma esfera pública burguesa que se origina num determinado momento histórico, porém, seu modelo inicial precisou passar por revisões do próprio autor na medida em que se questionou que sua teoria sobre esfera pública não seria suficiente para dar conta das sociedades contemporâneas altamente plurais.

Desse modo, em *Mudança estrutural da esfera pública*, Habermas (2011, p. 423-424), ressalta que não há uma única esfera pública, mas várias. Assim, a esfera pública se caracteriza

como uma reunião entre pessoas livres e iguais, porém, é preciso problematizar a respeito da existência de desigualdade de posições dentro da mesma, pois determinados grupos de interesse podem usar a esfera pública para propagar suas ideias e estratégias de poder, visto que algumas pessoas possuem acesso privilegiado a determinadas informações.

Entretanto, os indivíduos terão e podem lidar com as dificuldades existentes dentro da elaboração das questões da esfera pública, pois não é possível assegurar que outros indivíduos ou grupos organizados na sociedade civil não tentarão promover suas demandas de acordo com seus interesses, visto que os indivíduos não podem ser considerados apenas interessados em promover o bem comum. Na teoria habermasiana, o cerne da legitimidade política não está na vontade dos cidadãos individuais, mas na capacidade do processo comunicativo de formação da opinião e da vontade coletiva Avritzer e Costa (2004, p. 708).

Entretanto, ao associar as redes sociais virtuais a constituição de uma esfera pública virtual, não podemos defini-las apenas como um possível instrumento de democratização sem levar em conta que será a maneira como os indivíduos vão utilizá-las que vai delimitar isto, ou seja, as redes sociais virtuais apresentam vários aspectos que possibilitam a constituição de um espaço de comunicação e difusão de informação que fomenta o debate, a discussão de problemas comuns, onde os usuários apresentam opiniões, planejam e combinam entre si determinadas ações.

Nesse sentido, segundo a concepção habermasiana de democracia é necessário que esta apresente tanto a ação coletiva dos indivíduos, quanto a institucionalização de mecanismos que possibilite a realização desta. Assim como, para a constituição de uma esfera pública é necessário que o debate de ideias aconteça de maneira que favoreça a atividade livre e racional dos indivíduos, considerados como iguais moral e politicamente, onde possam criticar e confrontar as autoridades políticas e suas ações, fora das arenas formais do sistema político, pois, “é neste espaço que os diferentes grupos constitutivos de uma sociedade múltipla e diversa partilham argumentos, formulam consensos e constroem problemas e soluções comuns” (MAGRANI, 2014, p.19).

Portanto, as arenas deliberativas constituem-se de espaços de discussão e ampliação de mecanismos democráticos de expressão, nestas, indivíduos e grupos ganham visibilidade e possibilidade de apresentação das questões coletivas em sociedade. Nesse sentido, ao utilizar o conceito de esfera pública habermasiana para problematizar a possibilidade de surgimento de um espaço destinado a este fim, se faz importante estabelecer um paralelo a respeito da própria definição de esfera pública com o que gostaria de chamar de esfera pública virtual. Obviamente, embora tenha a premissa de estabelecer a participação dos indivíduos nas decisões e discussões cotidianas dos assuntos da esfera pública social, este conceito precisa ser remodelado para dar conta tanto da realidade democrática brasileira e o grau de participação política dos indivíduos, quanto das novas interações construídas na contemporaneidade com o advento da internet.

Nesse sentido, Dahl (1997, p.26-27) vai desenvolver o conceito de Poliarquia para explicar o grau de democratização existente entre os países observando entre outros aspectos, o grau de participação política da população, participação e liberdade de imprensa, entre outros, destacando que o direito de participação e contestação pública são dois importantes pontos para a democratização. Assim, dependendo do grau em que se apresenta dentro dos regimes democráticos tais características, o autor classifica os tipos de poliarquias existentes e se as mesmas são consistentes ou frágeis.

Desse modo, o debate contemporâneo se justifica sob a análise se o desenvolvimento de alguns mecanismos são capazes de promover a ampliação da participação política pelos cidadãos que vá além da formalidade descrita no modelo representativo, embora, este modelo seja importante para caracterizar os regimes democráticos. Entretanto, a saída para este problema, apontada por alguns autores estaria no aumento da participação popular sobre o Estado e seus representantes dada por mecanismos sociais de controle.

Segundo O'Donnell (1998, p. 28), os modelos de mecanismos de controle, definidos pelo conceito de *accountability*, ou seja, a possibilidade de fiscalização por parte de instituições de controle e da população para avaliação e ética no trato do bem público, se apresentam sobre duas formas de *accountability*, são eles: horizontal e vertical. Assim, para demonstrar como funciona os modelos de *accountability*, o autor parte do conceito de Poliarquia de Robert Dahl para designar os tipos possíveis deste mecanismo nestas democracias.

Segundo o autor, define-se por *accountability* horizontal as agências de controle, tribunal de contas, ministério público e demais agências reguladoras, responsáveis por uma atuação “entre iguais”, como num sistema de freios e contrapesos. O conceito de *accountability* horizontal faz referência a instituições que tem poder legal, especificado na constituição e outros mecanismos legais, capaz de punir os governantes. Os diferentes tipos de Tribunais são o exemplo mais comum.

Accountability vertical é denominada como a escolha dos governantes por meio do voto, periodicamente, mecanismo este presente em toda poliarquia e uma das características básicas desta. Entretanto, não é suficiente o voto dos cidadãos como mecanismo de controle, sendo importante a existência de outras agências de controle especializadas - judiciário, tribunais de contas, etc - não necessariamente eleitas, que possam controlar os desvios dos governantes que não são sempre possíveis por meio exclusivamente das eleições periódicas.

Porém, mesmo com esses mecanismos de controle apresentados acima, ainda há falhas na fiscalização da sociedade civil sobre o Estado, mostrando não serem suficientes para conter os abusos das autoridades governamentais. Mediante esta demanda, segundo Peruzzotti e Smulovitz (2002, p. 1), em países da América latina, como Argentina e Brasil, por exemplo, nas últimas décadas após o período de redemocratização, tem se desenvolvido um novo modelo, que podemos denominar como *accountability* societal.

De acordo com os autores, tem se apresentado especificamente três estratégias de mecanismos de controle social sobre os agentes públicos, são elas respectivamente, ações judiciais - que buscam fomentar direitos negligenciados por agentes públicos; mobilização pelos movimentos sociais - que buscam ter suas demandas atendidas e a publicização dessas demandas, (PERUZZOTTI E SMULOVITZ, 2002, p.2).

Nesse contexto, busca-se medidas que possam ao mesmo tempo, promover uma maior participação política, controle dos cidadãos e mecanismos que possam impor limites as arbitrariedades do Estado na figura de seus governantes que vão além dos conceitos de *accountability* horizontal e vertical. Desse modo, o *accountability* societal surge como uma alternativa que visa preencher uma lacuna existente entre os dois modelos de *accountability* descritos anteriormente, pois “permite confrontar alguns dos problemas estruturais identificados por análises atuais do funcionamento dos mecanismos horizontais e verticais” (PERUZZOTTI E SMULOVITZ, 2002, p. 10).

Nesse sentido, as redes sociais virtuais se mostram como mecanismos de exposição, cobrança e debates de problemas públicos por seus usuários, que as transformam num canal de cobrança que vem cada vez mais sendo utilizado por estes sujeitos para este fim. Sendo possível detectar uma mudança de comportamento dentro dessas redes, responsáveis pela mobilização de movimentos sociais como no caso das manifestações de junho, e pela publicização de notícias sobre os atos dos governantes, ao mesmo tempo, que servem como canal de cobrança em páginas oficiais do governo.

Entretanto, vale enfatizar que ter acesso a meios de comunicação, informações e poder publicizá-las, não são suficientes para que haja garantia de democratização e mecanismos de controle eficazes, assim como, a garantia de que as mesmas não serão manipuladas ou utilizadas para diversos fins.

Nesse sentido, vale ressaltar que dentro desse cenário, muitas informações difundidas são distorcidas ou inventadas e se transformam em *fake news* dentro da rede, já que muitos indivíduos não checam as fontes das informações, o que pode levar a uma reação equivocada sobre as notícias que estão circulando dentro da rede, não garantindo assim, que a utilização destas, que embora estejam sendo utilizadas como mecanismos de exposição de problemas e cobranças sobre políticos, também não sejam utilizadas por diversos grupos e indivíduos com interesse em manipular parte da opinião pública, demonstrando um dos pontos vulneráveis deste mecanismo de difusão de informações, tornando equivocada caracterizar as redes sociais apenas sob o viés democratizador.

4 AS MANIFESTAÇÕES NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS EM MEIO AS MUDANÇAS POLÍTICAS ATUAIS

As mudanças políticas atuais resultantes de um controverso processo de impeachment articulado para a deposição de Dilma Rousseff, provocaram grande impacto em nossa democracia, resultando numa polarização que se manifesta entre os usuários das redes sociais virtuais. Desse modo, as atividades exercidas por políticos, representantes do governo, empresários, assim como, as decisões tomadas pelos atores que correspondem ao poder judiciário no Brasil, têm sido cada vez mais questionadas e monitoradas.

Assim, para fins de pesquisa, foi selecionada a página oficial do Palácio do Planalto no Facebook para análise entre a relação estabelecida entre usuários da rede social virtual e a página oficial do Poder Executivo Federal. Vale ressaltar, que o período que iniciou o monitoramento foi marcado pelo processo de impeachment e a posse de Michel Temer a presidência da república. Uma ação praticada nesse período por diversos internautas nas redes sociais, chamou atenção: o “vomitação”.

O vomitação praticado por diversos usuários na página pessoal do presidente Michel Temer em maio de 2016, na página do PMDB, atual MDB, e na página do G-20 (METROPOLIS, 2016), primeiro evento internacional que o presidente participou, demonstrou a utilização das redes sociais como mecanismo de protesto contra o presidente Temer, após o impeachment. Ademais, a utilização do vomitação (AMORIM, 2016), incomodou Michel Temer de tal maneira que circulou na imprensa que o presidente teria pedido ao Facebook que retirasse as reações dos usuários de sua página, demonstrando que os mesmos conseguiram exercer a pressão que gostariam.

Após esse período de tensão, iniciou-se o monitoramento da página do Planalto que se estendeu durante os meses de janeiro de 2017 a fevereiro de 2018. Em pouco tempo de governo, Temer apresentou Medida Provisória que alterava regras trabalhistas, e uma proposta de reforma da Previdência. Ambos os assuntos foram bastante discutidos e tematizados nos *posts* e comentários da página.

Atualmente, a página¹¹ oficial da presidência da república, conta com cerca de 910.760 mil seguidores, no momento em que foi concluído o monitoramento em 2018 havia cerca de 783.820 mil, em julho do ano de 2017 a página contava com cerca de 654 mil, demonstrando um crescimento no número de usuários que a seguem, pois estes recebem diariamente as notícias desse canal em seus perfis através dos *posts* publicados pela mesma.

Para monitorar o comportamento dos indivíduos, foi utilizado a netnografia ou etnografia virtual, Amaral et e tal (2008, p. 34), que permite fazer uma observação participante dos ambientes virtuais, como ferramenta metodológica em pesquisa digital, que se pauta as impressões iniciais sobre a pesquisa em rede social virtual, junto com programas matemáticos de análise de redes que monitoram desde a quantidade de acessos, palavras mais repetidas,

¹¹ <https://www.facebook.com/palaciiodoplanalto/>

vídeos, *hashtags* a assuntos mais comentados nas redes sociais virtuais.

Oriunda da teoria de grafos e fortemente ligada a matemática, existente já há algum tempo, a análise de redes se trata de uma forma de pesquisa que se configura como a interface de análise de redes com as humanidades, surgindo com o propósito de compreender o comportamento e as relações estabelecidas entre atores que compõem determinado grupo social. Já, a análise de redes em mídias sociais, passou a chamar atenção desde o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e comunicação com a popularização da internet e das mídias sociais.

Todavia, os dados gerados em rede de mídias sociais produzem uma quantidade extensa de informações e analisá-los depende de recursos que possibilitem a utilização de ferramentas quantitativas, programas e softwares que possam calcular um grande número de dados, permitindo elaborar conceitos, desenvolver técnicas e métricas de redes com o objetivo de analisar e compreender as conexões que acontecem nos ambientes digitais.

Entretanto, a utilização destes recursos e estudos em mídias sociais não eram muito comuns nas pesquisas em ciências sociais, sendo mais utilizado a partir da última década por alguns núcleos de pesquisa e diversos pesquisadores (RECUERO, 2009; PRUDENCIO, 2014; AMARAL, 2016; MALINI, 2016).

Vale dizer, que esta pesquisa, também utilizou-se do ponto de vista perspectivista desenvolvida por Malini (2016, p. 1). Neste, o autor, em seus estudos sobre redes sociais, enfatiza a observação dos laços estabelecidos em rede. Assim, “o método perspectivista de análise de redes busca identificar, processar e interpretar os pontos de vistas que são expressos no espaço e tempo das interações em redes sociais” (MALINI, 2016, p. 1).

Desse modo, busca-se interpretar de que maneira os usuários utilizam as redes e o propósito de suas ações como sujeitos individuais dentro de uma rede de interações, ou seja, perfis que compõem a rede, mas que se somam neste espaço e possuem conexões que os interligam, observando o que os une entorno de determinado link, reações, curtidas e temas comuns que levam estes agentes a demonstrar pontos de vistas coletivos sobre determinados assuntos.

Assim, “a perspectiva do ponto de vista é o que faz atrair ou repelir os actantes, que se vestem de perfis ou canais nas redes sociais. Ter um ponto de vista é, então, antes, assumir uma perspectiva com o outro sobre uma realidade” (MALINI, 2016, p. 10).

Isso significa, que se baseando na ideia desse autor sobre pesquisas em rede digitais, não será apresentado apenas os resultados das estatísticas do monitoramento de redes, a soma puramente desses dados, mas uma análise que leva em consideração o que faz os indivíduos interagirem entre si e os administradores da página do Planalto, onde são apresentados pontos de vistas, discussões, reações, *hashtags*, entre outros.

Assim, partindo dessa perspectiva, associar essas interações com os resultados das análises de métricas de rede a respeito da quantidade de seguidores, reações e *clusters*¹², e as possibilidades que o uso da rede social virtual possui, pois, “do ponto de vista empírico, o método perspectivista de rede apresenta os conceitos de perspectiva topológica e perspectiva temporal nas análises de redes sociais, a partir da produção de mensagens escritas e imagens que os perfis fabricam em diferentes plataformas de redes sociais” Malini (2016, p. 2).

Sendo assim, em relação aos dados gerais recolhidos no decorrer de treze meses na página do Planalto, vale destacar que foram observados uma movimentação com cerca de 800 mil reações e um milhão de comentários, realizados em 700 posts da página. Um número significativo que demonstra a movimentação que ocorre entre os usuários e a página. Nesse sentido, foram escolhidos dois momentos distintos, considerados críticos para as discussões políticas atuais: a reforma trabalhista e a reforma da previdência.

Foi selecionado a opção de pesquisa pelo aplicativo Netvizz, disponibilizado pela própria rede Facebook, para obter os dados referentes as postagens realizadas entre 20 de junho e 20 de julho de 2017. Embora a discussão sobre a reforma trabalhista tenha se iniciado em fevereiro de 2017, na câmara dos deputados, o mês de junho e julho, foram selecionados por serem o ápice das discussões sobre a reforma trabalhista que teve sua votação final no senado dia 11 de julho de 2017.

Ademais, para fins de análise de redes, como estamos lidando com muitos dados, se tornaria inviável tabular treze meses de informações da página. Também utilizamos os dados resultantes da busca realizada pelo programa Netlytic entre 09 de dezembro de 2017 e 03 de fevereiro de 2018, sobre a discussão de proposta da reforma da previdência, que acabou perdendo apoio dos parlamentares e não foi votada.

4. 1. Dados e reações sobre a reforma trabalhista

Em relação a votação da reforma trabalhista, muitos usuários foram até a página do Planalto, no período verificado, para opinar sobre as propostas de mudança da legislação. Muitos questionando as mudanças a serem realizadas e manifestando a insatisfação com o governo, enquanto outros parabenizavam pela iniciativa.

Desse modo, verificamos que em 63 postagens capturadas pelo Netvizz, realizadas no período de 20 de junho a 20 de julho de 2017 pela página, foi possível constatar a movimentação referente a alguns recursos disponíveis¹³ na rede, são eles: 41.311 *likes*

¹² Comum em programas de análises de redes, este termo se refere a um grupo ou comunidade, entretanto, mesmo que uma área da rede esteja com muita conexão este pode representar um grupo e não uma comunidade como uma unidade social.

¹³ Esses mecanismos de reações na opção curtir foram disponibilizados na plataforma Facebook a partir de 2016 e tornou-se muito popular entre os usuários por demonstrarem sentimentos sem a necessidade de escrever um texto. Ademais, vale dizer que durante a popularização da rede, desde sua criação, vários recursos como fotos, vídeos, gifs (imagens animadas), emojis, entre outros, foram sendo implementados no site, mudando a forma como os usuários

(curtidas), 110.817 *reactions* (reações), 115.198 *comments* (comentários) e 15.575 *shares* (compartilhamentos).

Vale ressaltar que das 110.817 *reactions* (reações), 10.583 destas foram de *love* (amei), 10.711 reações de *haha* (risada), 566 reações de *wow* (uau), 974 *sad* (triste) e 46.585 reações de *Grr* (raiva). Reações do botão curtir.



Figura 1 – *emotions* de reações

Fonte:<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/facebook-libera-cinco-novos-botoes-alternativos-ao-curtir.html>

Desse modo, podemos constatar que a votação da reforma trabalhista provocou intensa movimentação dentro da página, mobilizando os usuários a exporem seus pontos de vista sobre essa questão, através da manifestação da opção reação, que demonstra um sentimento em relação aos temas abordados.

Embora tenhamos o número de comentários das postagens, não foi viável estabelecer que todas as postagens da página desse período fosse, exclusivamente, sobre a votação da reforma trabalhista, assim como, todos os comentários produzidos pelos atores, embora, uma boa parte das reações demonstrem um descontentamento dos usuários com o atual governo.

Entretanto, foi possível observar pelo número de reações negativas de grande parte dos que reagiram através dessa ferramenta, cerca de 42% dos usuários, que estes manifestaram raiva em relação ao assunto, embora possamos considerar que as reações de risada possam ser associadas a ironia dependendo do contexto, além das que se referem a espanto e tristeza.

Nesse sentido, foram realizados diversos *prints* de algumas conversações estabelecidas dentro da página para fins de demonstração de como os indivíduos as utilizam para manifestação de suas opiniões sobre os temas expostos na mesma, assim como, a troca de interações, entre os usuários e a administração da página que se propõe a responder os questionamentos dos usuários.

interagem.



Figura 2 - Print com as respostas dos usuários a postagem da página
Fonte: <https://www.facebook.com/palaciadoplanalto/> acessado em 06/07/2017

4.2.2 Dados e reações a proposta de reforma da previdência.

Em relação a reforma da previdência o programa Netlytic capturou cerca de 2.500 postagens referentes ao assunto em quase dois meses de monitoramento.

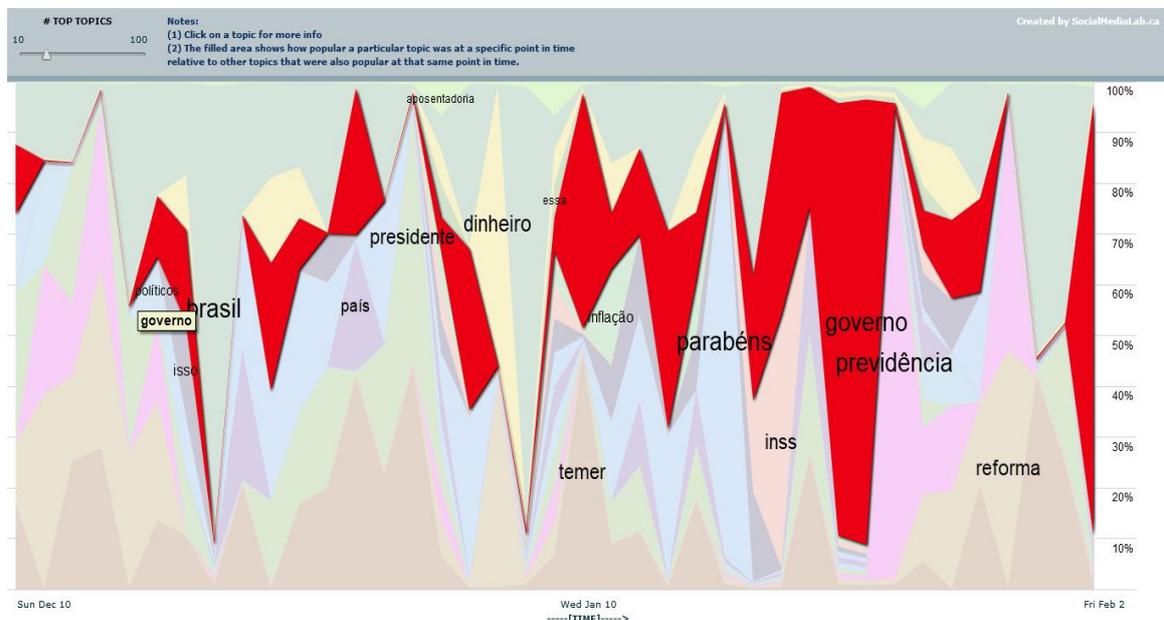


Figura 3 – Imagem de recuso do Netlytic sobre busca de palavras repetidas
Fonte: Netlytic

O programa disponibiliza em sua plataforma a análise dos dados coletados que demonstram alguns padrões como palavras mais mencionadas, ainda não se trata exatamente de análise de redes, porém, demonstram alguns padrões na busca das informações que auxiliam na observação e interpretação de alguns comportamentos. Selecionando uma palavra em destaque, das que segundo o aplicativo foram mais utilizadas no decorrer da pesquisa, como previdência, por exemplo, é possível visualizar a contabilização da ocorrência desta em algumas postagens de usuários.

A ferramenta, também disponibiliza outros recursos de análise como: quais foram os 10 maiores comentadores do período analisado e o dia em que houve maior quantidade de postagens, gerando movimentação dentro da página. Os dados apresentados pelo *dataset* demonstram que em 2500 trocas de mensagens, 1478 foram mensagens únicas, ou seja, algumas pessoas postaram mensagens mais de uma vez, configurando o estabelecimento de alguns indivíduos mais atuantes.

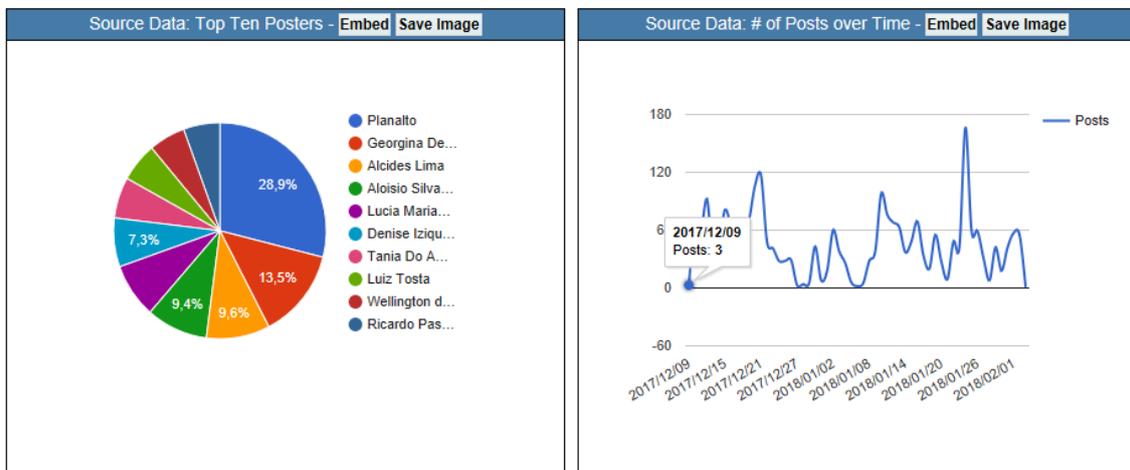


Figura 4 - Gráfico da movimentação da página
Fonte: Netlytic

Analisando os dados, podemos observar no quadro esquerdo, que a página do Planalto foi responsável pela maioria das mensagens, 28,9% cerca de 99 postagens, porém outros usuários também movimentaram a página no período analisado, que segundo o gráfico do lado direito teve sua maior movimentação dia 24 de janeiro.

Vale dizer, que o dia 24 de janeiro,¹⁴ foi o dia em que os desembargadores da 8^o turma do Tribunal Regional Federal da 4^o região (TRF-4), condenaram por unanimidade o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2^o instância, no caso do julgamento do tríplex, ampliando a pena do ex-presidente para 12 anos e um mês. Também, nesse mesmo dia, o vice-procurador-geral da República, Luciano Mariz Maia, se manifestou através de ofício ao Supremo Tribunal Federal (STF), favoravelmente a manter suspensa a posse da deputada Cristiane Brasil (PTB-RJ) no ministério do Trabalho. Essa movimentação nos demonstra uma

reação nas redes sociais, dentro da página do Planalto, ou seja, do atual presidente da república que, possivelmente, foram influenciadas pelas notícias veiculadas pela grande mídia e redes sociais.

4.3. Análises de redes no programa Netlytic

Analisando os dados coletados pelo Netlytic, é possível ver as redes de conversas ou as redes de cadeias de mensagens a partir da opção *Name Network / Who Mentions Whom*. Nesta opção apresenta-se um laço para cada mensagem trocada pelos usuários que mencionou o nome Planalto. O Netlytic permite exportar os dados coletados para serem manipulados em outros programas que possuem formatos diferentes, entretanto, este possui em sua própria plataforma a possibilidade de visualização dos dados.

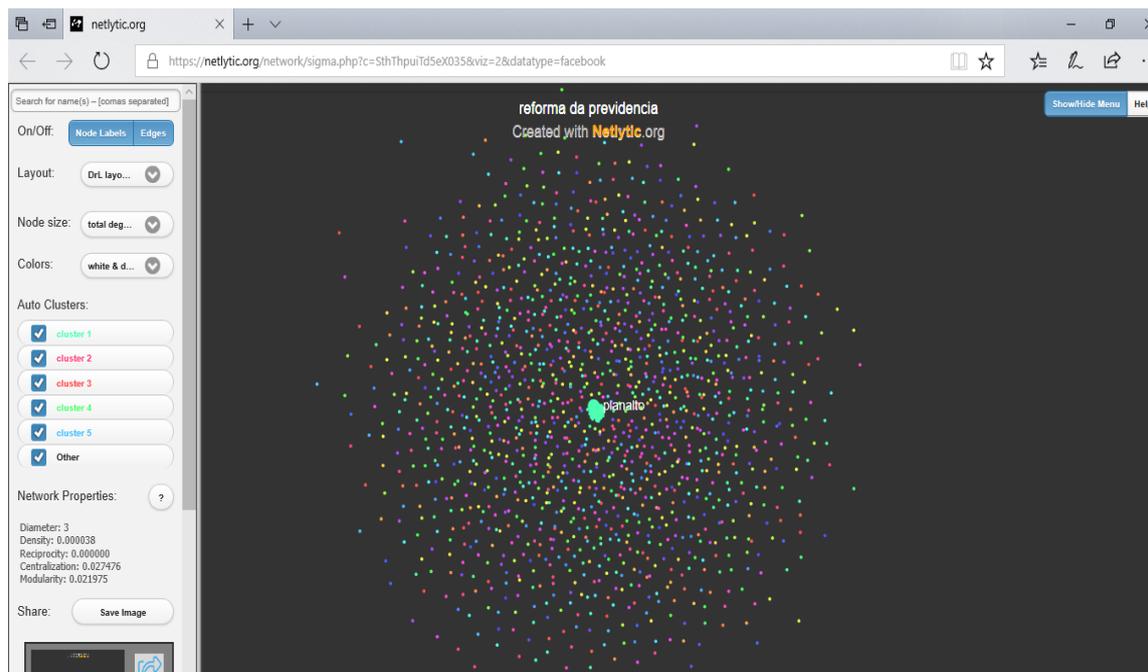


Figura 5 - Imagem da rede com a página do Planalto no centro e os nós em sua volta.
Fonte: Netlytic

Na imagem anterior, foi utilizado o *layout* de rede DRL (Long edges are hidden to highlight clusters), que se mostra mais interessante para fins de análise do Netlytic.

Assim, o programa retirou alguns laços das redes que não são tão importantes para mostrar os principais perfis identificados a partir da clusterização da rede, isto é, a partir do agrupamento de nós que estão mais próximos da página. Na próxima imagem de rede é possível ver os nomes dos usuários ao aproximarmos ainda mais a imagem dos nós.

¹⁴ <https://g1.globo.com/resumo-do-dia/noticia/quarta-feira-24-de-janeiro-de-2018.ghtml>

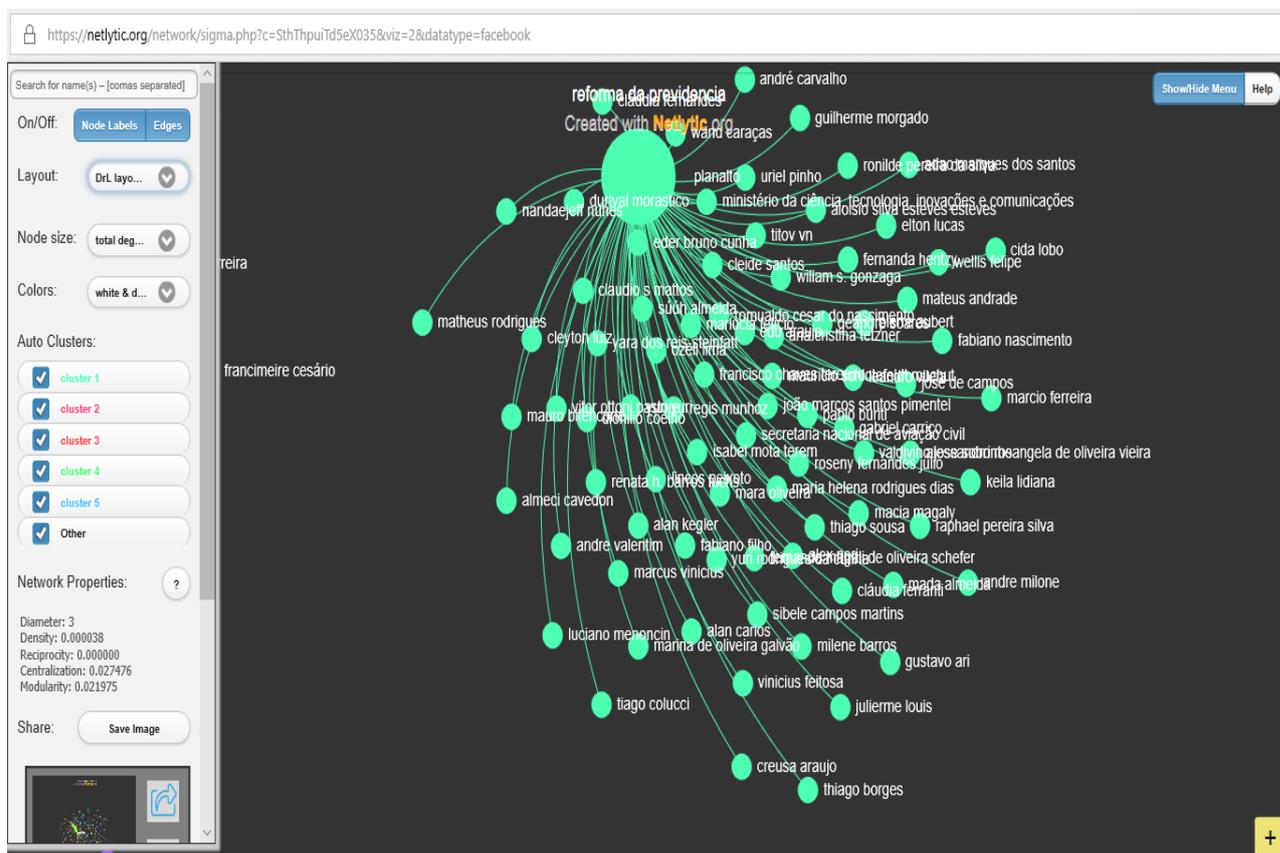


Figura 6 – Imagem aproximada da rede com os nós mais atuantes na página, os *clusters*.
Fonte: Netlytic

Observando a sequência apresentada, na primeira imagem temos a configuração da rede e seus nós, nestas foram identificados pelo programa inicialmente cerca de 1.475 nós e 3.100 laços, entretanto, os mais próximos, ou seja, o que chamamos de clusterização. Aproximando a imagem podemos ver esses nós mais próximos da página do Planalto que aparece no meio da rede. O programa identificou 81 nós mais próximos.

Na imagem seguinte, podemos ver os nomes dos indivíduos que correspondem aos nós mais atuantes ligados a página do Planalto. Observe que ao lado esquerdo do quadro podemos ver todas as conexões identificados por esta coleta de dados, podendo ver a métrica de *indegree* ou grau de entrada. Essa métrica corresponde a quantidade de conexões recebidas pela página do Planalto, ou seja, todos os perfis que mencionaram a página no momento de suas postagens.

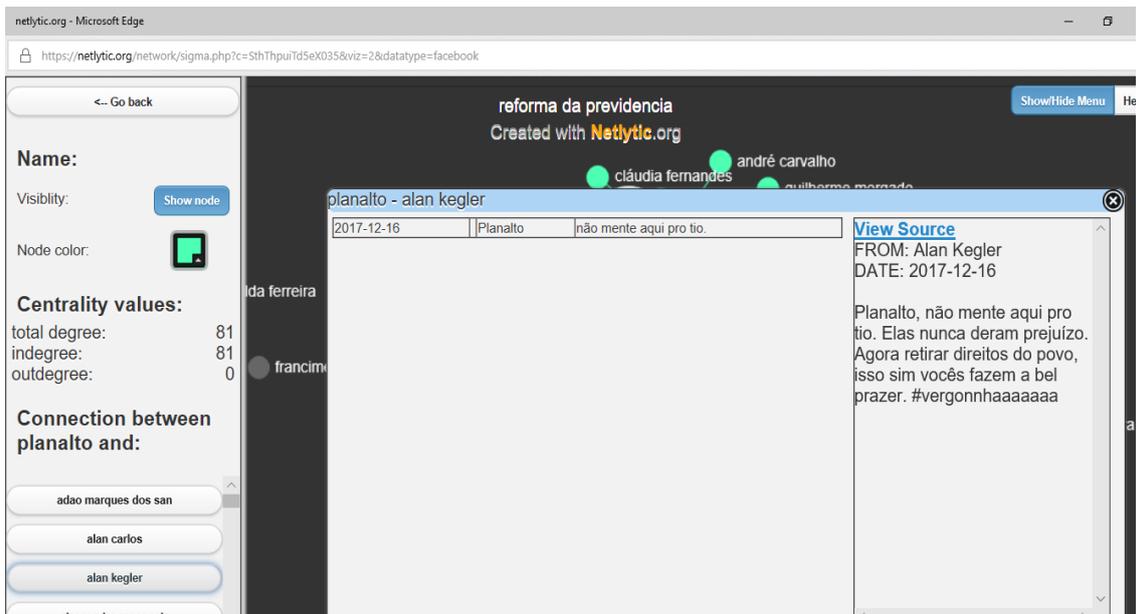


Figura 7 – Mensagem de uma usuária deixada na página do Planalto
Fonte: Netlytic

Assim, ao clicarmos sobre o nome que aparece ao lado esquerdo do quadro, podemos ver a mensagem deixada pelo usuário. Ao observar a rede completa, esta não demonstrou conexão entre os usuários, apenas entre usuários e a página, demonstrando um grupo de pessoas mais atuantes nesse período.

Ao utilizarmos outra maneira de coleta identificada por *Chain Network / Who Replies To Whom* – quem responde a quem, disponível no Netlytic. Podemos ter uma análise mais densa da rede, mostrando todos os usuários que interagem na página. Nessa opção será possível observar todas as conversas que surgiram.

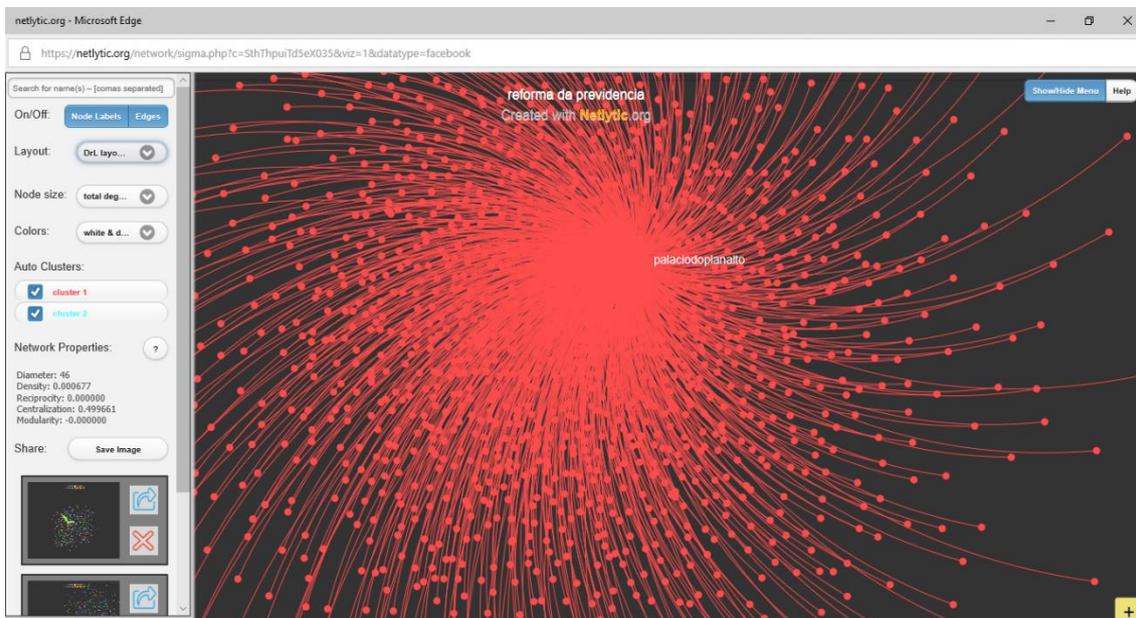


Figura 8 – Imagem da rede completa com todos os nós.
Fonte: Netlytic

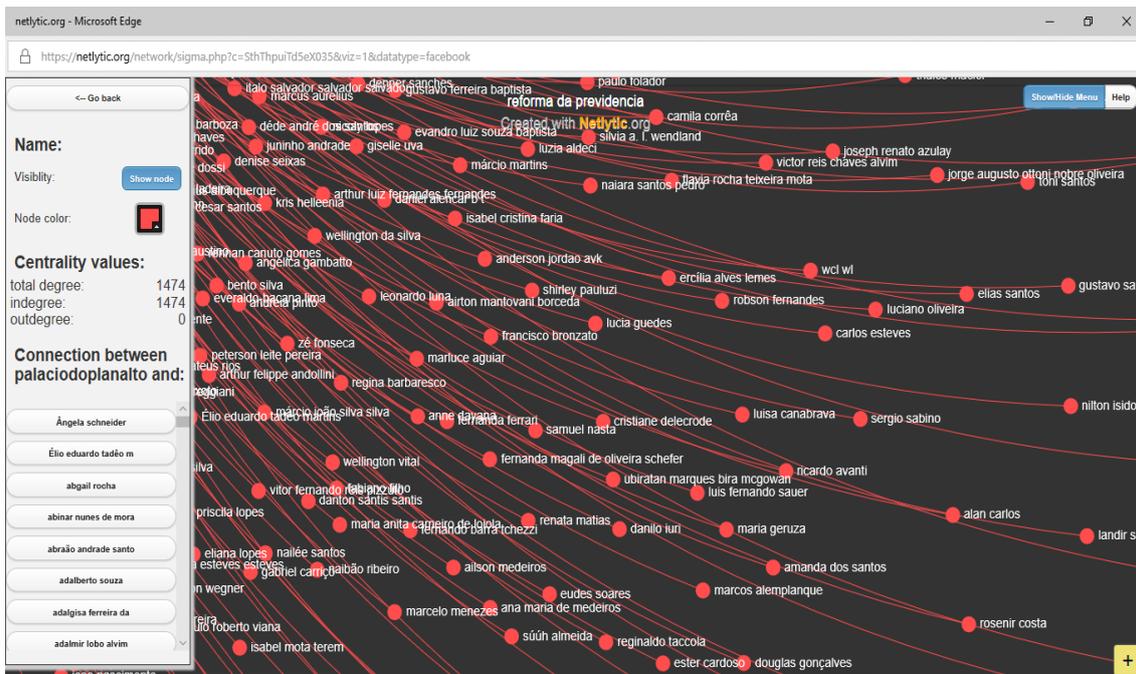


Figura 9 - Imagem aproximada da identificação dos nós.
Fonte: Netlytic

Novamente, assim que vamos aproximando a imagens, vamos observando seus nós. Ao comparar as imagens dessa rede com a rede apresentada anteriormente, pudemos perceber que está priorizou todas as conversações, ou seja, cada interação de cada nó apresentado no período pesquisado em relação a página. Esse tipo de análise nos demonstra que houve um maior grau de interação, sendo possível ao clicar em um único nó, saber qual foi a conversa. Em contraposição a rede geral mostrada anteriormente, onde prioriza os nós mais atuantes da página, ou seja, os *clusters*, esta última demonstrou que há milhares de pessoas conectadas e acessando a página, porém, com menor engajamento das outras 81 pessoas destacadas no primeiro gráfico.

Esta breve demonstração sobre redes visa exemplificar o constante fluxo de diálogos e relações existentes na página do Planalto que apresentou 1474 nós, interagindo com a página. Assim como, a existência de um grupo mais atuante que o primeiro gráfico evidenciou. Outro aspecto importante, é que embora haja um grupo de usuários que são mais atuantes, não há conexão entre os nós, demonstrando que não há ligação entre estes usuários.

5. CONCLUSÃO

Este artigo, é resultante de uma pesquisa que procurou analisar o uso dado às redes sociais, na atualidade, para manifestações dos usuários, ou seja, através do monitoramento e coleta de dados, pôde-se acompanhar durante determinado período, como esses agentes interagiram, ressignificando este espaço virtual, isto é, dando outro significado a ideia original

das redes sociais virtuais, transformando-as num espaço que também é utilizado para cobranças, publicização e exposição de questões econômicas, políticas e sociais.

Assim, mediante essa transformação no comportamento de quem utiliza a rede, refletiu-se sobre a possibilidade desta como um espaço público de discussão, ou seja, como o *locus* de uma esfera pública virtual, capaz de possibilitar uma maior participação dos indivíduos sobre as discussões de assuntos que circundam a esfera social.

Obviamente, trata-se de um recorte específico, dado o tamanho que o Facebook possui, realizado numa determinada página da rede pertencente ao executivo federal. Entretanto, através desta analisamos como a rede social e as novas possibilidades de interação produzidas na contemporaneidade pelas relações mediadas por dispositivos eletrônicos, produzem efeito em todos os aspectos da vida social, pois, ao analisar o comportamento dos brasileiros no Facebook em relação ao cenário político atual, foi possível detectar que os usuários ao perceber que a página oficial do executivo federal poderia se transformar num canal de cobrança e não apenas de propaganda do governo, passaram a utilizá-la para fiscalizar, confrontar e questionar as decisões governamentais.

Entretanto, o questionamento que se apresenta todas as vezes que se levanta a hipótese de as redes sociais virtuais serem consideradas como um novo espaço de discussão e democratização, é se essa rede se apresenta adequada a exposição de conteúdos políticos ou se podemos afirmar que há “racionalidade” no debate apresentados por esses indivíduos, assim como, se este se encaixa no modelo de *accountability* social, capaz de produzir a fiscalização e a pressão necessária sobre os governantes.

Desse modo, a discussão se manteve em compreender a utilização destes mecanismos de interação digital associadas com meios de tentativa de controle dos atores políticos e expressão das insatisfações e questionamentos da esfera política no universo mediado das interações no Facebook. Desse modo, ao analisá-las em dois momentos de tensão política - a reforma trabalhista e a tentativa de reforma da previdência, foi possível perceber que, o que levou os indivíduos que não possuíam laço entre si, ou seja, não eram amigos no Facebook a interagirem na página do Planalto, foi o interesse comum em discutir e expressar suas opiniões a respeito das questões políticas do país.

Sobremaneira, sabemos que não podemos afirmar que esse ambiente seja uma esfera pública digital, entretanto, demonstramos através dos dados apresentados, que a rede social virtual se torna cada vez mais utilizada como um canal de comunicação entre os usuários e os representantes do governo. Um lugar em que os indivíduos encontram a oportunidade de se manifestarem, expor suas insatisfações, tentar ser ouvidos, fiscalizar e pressionar os governantes.

Em meio a essas tentativas de estabelecer limites ao Estado e ampliar a participação democrática e a fiscalização sobre os governantes, temos o surgimento de novas formas de

comunicação que ganham aspectos de democratização a partir do momento que se tornam ferramentas capazes de serem usadas para esse fim. Assim, foi a partir de uma compreensão que os indivíduos são capazes de se mobilizarem e utilizarem as redes sociais como uma ferramenta, um meio pelo qual esses são capazes de agir mediante as questões políticas atuais, que este trabalho se pauta.

As análises iniciais apontam que houve um crescimento por esse tipo manifestação individual, assim como, a organização político/social de grupos que perceberam nas redes sociais virtuais a oportunidade de visibilidade social e um mecanismo no qual poderia dar voz àqueles que não possuíam tanto espaço na sociedade como gostariam, embora ainda exista milhares de pessoas excluídas desses espaços, principalmente por questões econômicas.

Desse modo, observamos que as interações da página ocorrem, principalmente, entre usuários e os administradores da mesma, que se propõe a responder alguns questionamentos, o que mostra certa preocupação por parte do governo sobre o que os usuários estão pensando. Assim, a mobilização destes sobre os atos dos governantes e suas decisões, podem resultar num mecanismo de pressão e numa nova via de interação que aqueles que pertencem a vida política precisarão manter, ao mesmo tempo, que a análise de redes permite descobrir tendências e intenções de votos, assim como, os políticos mais populares, servindo de mecanismo de monitoramento de quem está na vida pública, as redes sociais virtuais podem fornecer inúmeras possibilidades de pesquisas também na área de marketing eleitoral.

Portanto, mediante o cenário eleitoral que se estabeleceu em 2018, as redes se mostraram uma via de mão dupla, sendo muito utilizadas, não somente para pesquisas de intenção para saber as opiniões e manifestações dos usuários, como para a manipulação de informações. Palco das recentes *fake news*, os boatos correm em alta velocidade na rede, sendo utilizados também para a tentativa de manipulação da opinião pública. Assim, as redes sociais virtuais proporcionam algo nunca vivenciado pela sociedade.

Dessa maneira, essas mudanças na forma de nos relacionarmos, a quantidade de informações compartilhadas e todas as possibilidades de novos comportamentos que se desenvolvem é o que move a curiosidade de vários pesquisadores em desvendá-la. Portanto, a intenção dessa análise exploratória dos dados obtidos e do comportamento dos usuários em rede, em relação a situação política atual, visa aprofundar o debate a respeito de um novo comportamento que se apresenta em relação ao uso das redes sociais para fins diferentes para os quais esta foi criada e que pode mudar a maneira como se vivencia a política nas sociedades contemporâneas.

Referências

AMARAL, A.; NATAL, G; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **CadEsc Comunic**, v. 6, n. 20, p. 34-40, dez. 2008.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. posfácio de Celso Lafer. 10^o edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AVRITZER, Leonardo; COSTA, Sérgio. Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina. **Dados**, v. 47, n. 4, p. 703-728, 2004.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Tomas. **A construção social da realidade**: um livro sobre sociologia do conhecimento. 2^o edição. Coleção saber mais: Dinalivro, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 13^o reimpressão com novo prefácio. Tradução. Roneide Venancio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt: editora Paz e Terra, 2010.

DAHL, Robert. A. **Poliarquia e Oposição**, 1^a ed. 1^a reimpressão. Editora USP: São Paulo, 2005.

GAJANIGO & SOUZA. Manifestações sociais e novas mídias: a construção de uma cultura contra-hegemônica, **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 577-592, Set./Dez. 2014.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOMES, W; MAIA, R.C.M. **Comunicação e democracia**: problemas & perspectivas. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: EdUnesp, 2011.

MAGRANI, Eduardo. **Democracia conectada**. A internet como ferramenta de engajamento político-democrático. Curitiba: Juruá, 2014.

MALINI, Fábio. **Um método perspectivista de análise de redes sociais**: cartografando topologias e temporalidades em rede. Rio de Janeiro: Compós, 2016.

NOBRE, Marcos. **Choque de democracia**: razões da revolta. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

O'DONNELL, Guillermo. Accountability Horizontal e Novas Poliarquias. **Lua Nova**, , n. 44. São Paulo: CEDEC - Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, 1998.

PERUZZOTTI, Enrique y SMULOVITZ. Accountability social: La otra cara del control". In PERUZZOTTI, E. y SMULOVITZ, C. **Controlando la Política**, Ciudadanos y Medios em las Democracias Latino americanas. Buenos Aires: Temas, 2002.

PRUDÊNCIO, Kelly. Micromobilizações, alinhamento de quadros e comunicação política. **Revista Compólitica**, n. 4, p. 87-110, 2014.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Ed.2006.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SILVA, Tarcízio; STABILE, Max. Análise de Redes. In: _____ (Orgs.). **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais**: metodologias, aplicações e inovações. São Paulo: Uva Limão, 2016.

Notícias

VALENTE, J. Cresce o número de usuários de internet no Brasil. **Agência Brasil.com**, Brasília, 03 de out. 2017. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-10/relatorio-aponta-brasil-como-quarto-pais-em-numero-de-usuarios-de-internet>. acessado em 15 de jan. 2017.

OLIVEIRA, F. Brasil tem o 3^o maior crescimento do Twitter em número de usuários. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 de fev. 2017. Disponível em<<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2017/02/1861175-numero-de-usuarios-do-twitter-no-brasil-cresce-18-em-2016.shtml> acesso em 27 de out. 2017.

Polícia Militar utiliza violência para reprimir protesto em São Paulo. **Globo.com. Bom Dia, Brasil.** São Paulo, 14 de jun. 2013. Disponível em < <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/policia-militar-utiliza-violencia-para-reprimir-protesto-em-sao-paulo.html> acesso em 01 de fev. 2018.

VILLELA, G. O Brasil foi às ruas em junho de 2013. **O Globo. Acervo Globo.** 16 de jun. 2014. Disponível em< <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090#acesso> em 25 de jan. 2018.

GRIPP, A. Retrospectiva: Manifestações não foram pelos 20 centavos. **Folha de São Paulo**, 27 de dez. 2013. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/12/1390207-manifestacoes-nao-foram-pelos-20-centavos.shtml> acesso em 02 de fev. 2018.

PRISCO, L. Internautas fazem “vomitação” em página de Michel Temer no Facebook. **Metropolis**, 10 de mai. 2016. Disponível em< <https://www.metropoles.com/brasil/politica-br/internautas-fazem-vomitaco-em-pagina-de-michel-temer-no-facebook> acesso em 13 de mar. 2018.

PÁGINA DO G20 NO FACE RECEBE VOMITAÇÃO E COMENTÁRIOS 'FORA TEMER'. **Catraca Livre.** 05 de set. 2016. Disponível em< <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/pagina-do-g-20-recebe-vomitacos-e-comentarios-fora-temer/> acesso em 13 de mar. 2018.

AMORIM, P. H. Temer contra o “vomitação”. **Conversa Afiada.** 20 de nov. 2016. Disponível em< <https://www.conversaafiada.com.br/brasil/temer-contra-o-vomitaco>. acesso em 13 de mar 2018.

Sites

Notícias do Facebook para empresas. Disponível em<<https://www.facebook.com/business/news>. acesso 25 de nov. 2017.

Movimento passe livre. Disponível em <<http://tarifazero.org/mpl/> acesso em 01 de fev. 2018.

NETLYTIC. Making sense of online conversations. Disponível em<<https://netlytic.org/index.php> acesso em 10 de dez. 2017.

Artigo recebido em: 02/07/2018

Artigo aceito para publicação em: 19/02/2019